

TRADUÇÃO

Sobre a sociologia das relações de classe (1943)¹

Max Horkheimer²

De acordo com a teoria materialista,³ o poder social tem estado fundado no monopólio dos meios de produção. A propriedade jurídica era a expressão ideológica do fato de que uma minoria ocupava uma posição que lhe permitia excluir o restante da sociedade do uso livre da terra ou de outros instrumentos necessários à manutenção da vida social em alguma escala. A classe dominante absorveu as dádivas da cultura.

1 Tradução de “On the Sociology of Class Relations”, redigido em inglês entre setembro e novembro de 1943. As fontes para a presente tradução foram os originais disponibilizados no arquivo da Goethe Universität Frankfurt am Main (<http://www.ub.uni-frankfurt.de/archive/horkheimer>), a cuja equipe agradeço. Tradução de Simone Fernandes (doutoranda em filosofia pela USP e bolsista FAPESP, processo 20/01051-1). Agradeço a Mariana Fidelis pelo cotejamento da maioria das passagens com o alemão e pela revisão da tradução e à/ao parecerista anônimo/a pelas revisões e observações.

2 Este texto não foi publicado por Horkheimer, tendo sido apenas incluído em suas obras completas postumamente, a partir da tradução de Hans Günter Zoll: Horkheimer, M. (1985). “Zur Soziologie der Klassenverhältnisse”. In: Noerr, G. S. und Schmidt, A. (Hrsg.). *Gesammelte Schriften*, Band 12. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp.75-104. Uma vez que não existe uma versão original definitiva do texto a seguir, é necessário um breve comentário sobre o trabalho de edição que precedeu a tradução. No arquivo Horkheimer, constam cinco versões que divergem pela exclusão de algumas passagens e devido a revisões que, como observaram os editores das obras completas (Gunzelin Schmid Noerr e Alfred Schmidt), visavam sobretudo sanar as dificuldades de escrita de Horkheimer em língua inglesa. A sua escrita muitas vezes baseada em estruturas da língua alemã foi mantida no texto a seguir. A tradução aqui apresentada baseou-se na versão situada entre as páginas 74 e 110 do arquivo Horkheimer, pois foi considerada a versão mais consolidada; ou seja, nela estão datilografadas passagens escritas à mão em outras versões. A versão “1d” (páginas 111 a 150 do arquivo), em que se apoiou a única publicação em inglês do texto, registrada na edição de 2016 da revista nonsite, contém muitas passagens escritas à mão, sendo que algumas delas foram datilografadas na versão aqui utilizada; além de outros trechos que foram suprimidos (cf.: <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations> [acesso em 22.07.2020]). Para evitar qualquer perda de material relevante devido à exclusão destes trechos ou simplesmente à existência de versões paralelas do texto, trazemos em notas de rodapé as passagens suprimidas e as divergências mais significativas entre tais versões. Por fim, observe-se que partes do texto foram reformuladas e incluídas na conferência “Ascensão e declínio do indivíduo”, de *Eclipse da razão*. Na tradução do texto “Sobre a sociologia das relações de classe” ao alemão, os editores das obras completas de Horkheimer seguiram algumas destas reformulações. Em alguns casos, isso significou substituir o termo “monopolismo” por “industrialismo”, o que tem consequências conceituais no texto. Sobre os motivos para a não publicação deste texto no período, a sua relação com outros escritos de Horkheimer e Adorno e o seu interesse para pesquisadores e pesquisadoras da teoria crítica, sugere-se a leitura da Apresentação que o antecede. [Nota da Tradutora (N.T.)]

3 Anteriormente: “crítica da economia política”. Também escrito à mão em uma das versões: “teoria marxiana”. [N.T.]

Ou seja, beneficiou-se da diferença entre o produto total dos bens de consumo e as necessidades de subsistência daqueles que os produziram. Embora ela própria guiada por forças sociais incontroladas, a classe dominante também determinou os tipos de bens a serem produzidos e os métodos a serem empregados.

As vantagens assim mantidas pelas minorias dominantes ao longo de séculos não eram completamente irracionais. É verdade que, em última análise, foram conquistadas e mantidas pela força; mas o fato de os grupos que desfrutavam de privilégios terem sido capazes de empregar esta mesma força para organizar e estabilizar alguma forma robusta de sociedade era um indício do seu avanço econômico. O seu domínio promoveu e conservou um modo de produção que, em seu auge, não era inadequado ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido, os dirigentes representavam uma racionalidade superior ao restante da população. Nos períodos tardios do seu domínio, quando os princípios de organização que representavam se tornaram obsoletos em face do progresso de outras parcelas da população, o seu poder tornou-se mais convulsivo e terrorista; mas, ao mesmo tempo, estava mais fraco e conseqüentemente cada vez mais irracional, aproximando-se, por fim, do cego despotismo. Transformou-se em um fator puramente repressivo. As formas sociais e culturais que os [grupos] dominantes defendiam, penosamente mantidas pelos seus aparatos administrativos contra as novas possibilidades de associação humana, exerceram um efeito mutilador sobre as mentes e faculdades da humanidade.

A noção de classe subjacente à teoria materialista da história precisa ser melhor elucidada. Ela não se refere a uma unidade consistente e homogênea. Ao menos durante os períodos mais típicos, a propriedade dos meios de produção não significava o seu uso social planejado ou a existência de vontade e determinação unificadas. Os diversos grupos dominantes se entendiam razoavelmente bem sempre que era necessário esmagar a resistência das massas exploradas ou de quaisquer forças que ameaçassem estabelecer uma nova ordem social. Assim, quando se tratava de tomar medidas punitivas contra os burgueses progressistas no sul da França ou até mesmo contra elementos proletários em Flandres, os poderes seculares e espirituais da Idade Média, imperadores, reis e papas, esqueciam provisoriamente os seus conflitos tradicionais e se uniam na defesa do sistema hierárquico vigente na sociedade. No entanto, a história medieval não oferece nenhuma imagem de solidariedade entre os [grupos] dominantes do mundo cristão. Ao contrário, estava em andamento uma luta incessante entre os diferentes grupos hierárquicos pela pilhagem. Cada qual desejava assumir autoridade sobre extensas áreas, para serem sustentados, alojados e servidos pela maior população possível. O mesmo vale para os grupos dominantes da Antiguidade grega, representados pelas cidades-estado e facções. A classe dominante, unida pelo interesse comum em seu modo específico

de exploração, foi desde sempre caracterizada por lutas internas, pelos esforços de uma de suas partes para garantir para si os espólios de que outros poderiam se apropriar.⁴ A luta por segurança entre a elite tem sido uma corrida pelo comando mais abrangente possível, em outras palavras, pelo controle da produção.

Por muitas razões, esta natureza da classe esteve obscurecida durante o século XIX. A emancipação da burguesia das restrições do mercantilismo e a liberação do trabalhador da servidão pareciam ter abolido as diferenças intransponíveis entre os diversos setores da humanidade. A concorrência econômica que abarcava todas as parcelas da população era mais pacífica, embora mais generalizada e universal do que as disputas e discórdias dos grandes no passado. Marx chamou atenção tanto para os aspectos positivos quanto para os negativos da concorrência. Ao mesmo tempo em que enfatizou os traços progressivos do capitalismo, desvelou o seu caráter opressivo e expôs o antigo problema do poder por trás da configuração aparentemente racional do sistema de mercado. Atualmente, a similaridade das diferentes fases históricas da economia burguesa⁵ em relação ao princípio de exploração tende a se tornar óbvia. Até mesmo os economistas acadêmicos estão se afastando do conceito otimista de uma economia que tende à harmonia absoluta, na direção de uma teoria pessimista do poder. Anteriormente, acusavam Marx de introduzir o conceito “não econômico” de exploração. Agora, vão ainda mais longe do que ele na defesa de fatores não econômicos. Eles tendem a substituir a economia por uma explicação política ou psicológica mais do que simples dos eventos atuais.

Na verdade, a ideia de concorrência, tal como foi concebida na teoria liberal, era enganosa em muitos aspectos, sendo dois deles especialmente importantes para a teoria das relações de classe. Em primeiro lugar, a natureza da concorrência entre trabalhadores era essencialmente diferente da natureza da concorrência entre capitalistas. Ao menos durante o auge do liberalismo, a concorrência entre os trabalhadores significava apenas que havia um tal número de trabalhadores que os salários dificilmente poderiam se elevar acima do custo de subsistência e, em muitos casos, até mesmo despencavam abaixo dele. Isso vem à tona na natureza do contrato de trabalho. O fascismo apenas revelou o que já era inerente ao liberalismo: a natureza ilusória do contrato de trabalho como um acordo entre parceiros igualmente livres. Seria um grave erro teórico denunciar o contrato no totalitarismo moderno como uma mera formalidade e sublinhar a sua autenticidade genuína sob o liberalismo. Em ambos os casos, a finalidade do contrato pode ser considerada a manutenção daquela mesma desigualdade de base encoberta pela sua linguagem democrática.

Em segundo lugar, o monopólio de certas posições chave na concorrência

4 Uma das versões inclui a passagem a seguir: “E, uma vez que o modo mais eficiente de assegurar o fluxo contínuo de bens e serviços sempre foi ter comando sobre os que os fornecem, (...)”. [N.T.]

5 Em uma das versões do texto, o autor escreve, em vez desta passagem: “No fascismo, esta identidade da sociedade burguesa em seus diferentes períodos...”. [N.T.]

capitalista é muito mais antigo do que a economia monopolista. A concorrência entre os próprios empresários nunca foi tão livre como parecia. Aqui não pensamos na interferência estatal na indústria, que os economistas costumam censurar exceto quando os grandes negócios tomam o Estado sob a sua própria gestão. Em vez disso, temos em mente a desigualdade resultante dos diferentes graus de poder social exercido por indústrias diversas. Tais diferenças dependem, em grande medida, do estágio de concentração econômica e de centralização das respectivas indústrias, da quantidade de maquinaria requerida em cada ramo de produção em particular, da sua importância para o funcionamento regular da vida econômica nacional e da sua associação aos aparatos de poder militar e administrativo. Portanto, os grupos que, de nascença ou por meio de falcatruas, força bruta ou sagacidade, habilidade com a maquinaria ou nas relações humanas, casamento ou adulação, obtiveram controle sobre uma parte do capital total investido na indústria formam uma hierarquia de poder econômico que limitou o livre jogo concorrencial em cada um de seus estágios. A descoberta de que a economia nacional de vários países capitalistas dependia de 200, 60, ou até mesmo de um número menor de famílias trouxe esta situação à luz e, por fim, tornou transparente o véu da livre concorrência.

O desenvolvimento da sociedade capitalista conforme com as suas próprias tendências inerentes levou ao desaparecimento dos traços progressivos da concorrência. Ele rompeu o vínculo entre as necessidades dos consumidores e o interesse pelo lucro do empreendedor individual; estreitou (a já ínfima) possibilidade de que uma mente independente tivesse acesso a uma posição independente; reduziu a quantidade de sujeitos econômicos relativamente autônomos, que, justamente em vista daquela pluralidade, tinham interesse no funcionamento de um sistema jurídico geral e em sua administração imparcial. Tudo isso desaparece nos estágios tardios do capitalismo, permitindo que a sociedade reverta a formas mais diretas de dominação, que na verdade nunca haviam sido suspensas. Este processo, no entanto, não é apenas reacionário. Enquanto as desigualdades entre os empresários transitam para o controle monopolista e, por fim, totalitário da vida nacional, a relação entre o Capital e o Trabalho [*Labor*] passa por uma mudança muito característica.⁶ No decorrer da fase mais recente do capitalismo, a classe trabalhadora adentrou a concorrência ao se adaptar à estrutura monopolista da sociedade.⁷ Ela assumiu

⁶ Segue-se no decorrer de todo o texto a opção de Horkheimer por utilizar algumas palavras com a primeira letra em maiúscula. Nem sempre, no entanto, *Labor* é grafado deste modo. Mesmo nos casos em que isso parece ocorrer devido a um equívoco, não foram feitas alterações. [N.T.]

⁷ A passagem a seguir consta em uma das versões do texto: “Até o começo do século XX, a luta daquela classe [a classe trabalhadora] tinha um caráter razoavelmente espontâneo e radicalmente democrático. Os seus integrantes, trabalhadores que experienciavam diariamente o seu antagonismo com o empreendedor individual na fábrica, eram razoavelmente ativos. Os executivos da classe trabalhadora, cujos gabinetes ainda não haviam se estabilizado plenamente, expressavam ao menos parcialmente as ideias e esperanças do indivíduo oprimido em relação a uma sociedade melhor, em vez de imprimirem nas mentes dos seus seguidores a sua própria ideologia como administradores em

uma forma que se encaixa ao arranjo monopolista. Em consequência disso, as suas relações com os diferentes grupos capitalistas não são mais radicalmente diferentes das relações preponderantes entre os próprios grupos capitalistas.

A nova situação se expressa no conceito de Trabalho, uma vez que é reconhecido como um princípio intelectual orientador não apenas nas mentes dos trabalhadores, mas também entre ao público geral. Como a Agricultura ou a Indústria, ou até mesmo como seções da Indústria tais quais Aço, Borracha e Petróleo, o Trabalho é um termo coletivo, e não um simples *abstractum* ou *generale*. Em relação aos elementos individuais incluídos em sua estrutura lógica, tais entidades se assemelham mais a uma unidade, como Estado, Nação, Igreja, do que a uma generalidade, como Cor ou Animal. Elas enfatizam a concretude que lhe é própria como conceitos universais e desconsideram os elementos de que são compostas. A sua estrutura lógica espelha exatamente os seus objetos; salienta as individualidades coletivas em detrimento dos indivíduos singulares absorvidos por ela. Os elementos lógicos do conceito coletivo de Trabalho, isto é, a massa de membros comuns, não são as forças que determinam o curso do todo com base em suas ideias e espontaneidade próprias. Conforme a terminologia matemática, não são tanto o valor constante em relação ao todo, mas o valor variável. Ao contrário, o todo, isto é, a organização, determina e até mesmo intimida o indivíduo, pois os líderes, com seus interesses materialistas e de poder específicos, com sua filosofia e estrutura de caráter, têm um peso infinitamente maior do que qualquer simples membro.

Há uma diferença crucial entre as unidades sociais de nossa sociedade monopolista e aquelas de períodos precedentes. Todas as unidades mais antigas eram totalidades⁸ no sentido de que eram completamente organizadas, integradas e regidas por uma hierarquia. Em contraste com as totalidades modernas, no entanto, a vida da tribo totêmica, do clã, da Igreja na Idade Média e da Nação na era das revoluções burguesas seguia o seu curso de acordo com padrões mitológicos que haviam assumido a sua forma em extensos desenvolvimentos históricos. Tais padrões haviam se tornado imagens e modelos fixos para as totalidades, assim como ocorreu com o Evangelho em relação à Igreja. É verdade que estes padrões, fossem eles mágicos, religiosos ou

luta por uma vasta parcela da dominação social. (Isto, por sinal, não significa que os funcionários revolucionários do passado não tentavam influenciar os trabalhadores. Ao contrário, os seus esforços para abrir os olhos dos trabalhadores eram muito mais intensivos e diretos. A diferença entre as suas estruturas psicológicas e aquelas de seus seguidores era talvez muito maior do que a existente hoje entre os trabalhadores e os seus representantes proeminentes; mas os últimos, uma vez estabelecidos, têm um peso muito maior sobre as suas almas, sendo a sua influência sobre a vida da associação muito mais poderosa do que o apelo à razão teórica feito pelo primeiro tipo de funcionário). A figura do indivíduo que tenta defender as suas qualidades como ser humano e se opõe a se tornar, dentro e fora da fábrica, um mero acessório para o aparato de produção ainda não fora substituída pela figura do membro, definida exclusivamente pelos seus interesses materiais padronizados. Atualmente, [est]a transformação está completa”. [N.T.]

8 O termo “totalidade” será empregado no decorrer desta discussão no sentido acima, de uma estrutura organizada. [Nota do autor (N.A.)]

filosóficos, eram sedimentos intelectuais das formas de dominação então existentes. Eles refletiam, por assim dizer, a estratificação hierárquica da sociedade. Mas, ao mesmo tempo em que formavam uma substância cultural agregadora que mantinha uma formação social mesmo após o seu papel na produção haver se tornado obsoleto, também preservavam a ideia de solidariedade humana.⁹ Assim o fizeram pelo próprio fato de haverem se tornado estruturas espirituais objetificadas. Qualquer sistema de ideias, na medida em que é forjado em uma linguagem dotada de sentido, seja religioso, artístico ou lógico, tem uma conotação geral e a pretensão de ser verdadeiro em um sentido universal.

Certamente a objetividade e a universalidade das unidades coletivas mais antigas formaram uma ideologia que foi uma condição essencial para a sua existência parasitária no corpo da sociedade. Mas os padrões de organizações como a Igreja medieval não coincidiam diretamente com as formas da vida material. A organização, no sentido mais estrito, dizia respeito principalmente à hierarquia propriamente dita e às funções rituais tanto do clero como dos leigos. Além disso, nem a vida em si nem o arcabouço intelectual que a refletia estavam completamente integrados. As categorias espirituais de base não estavam completamente fundidas com considerações pragmáticas. Deste modo, mantiveram certo elemento de independência e autonomia. Não eram produtos pré-fabricados, moldes de plástico simplesmente sobrepostos pela organização. A participação do leigo nas atividades de tais corpos permanecia separada do seu trabalho e vida cotidianos. Ainda havia uma clivagem entre a cultura e a produção. Esta clivagem deixava mais brechas do que o tipo moderno de superorganização, que praticamente reduz o indivíduo a um mero centro de reação. Os universais modernos, como o Trabalho, são partes integrantes de um sistema social e econômico unificado controlado pelos monopólios. Por meio destes universais, os monopólios absorvem o indivíduo inteiramente e o transformam em um elemento do mecanismo de produção, do qual a assim chamada cultura é apenas uma engrenagem. Em suma, as formas mais antigas de totalidades, que professavam obediência a um modelo espiritual alheio, continham um elemento que está ausente nas totalidades puramente pragmáticas do monopolismo.¹⁰ As últimas também exibem uma estrutura hierárquica e são totalidades estritamente integradas e despóticas. Mas a ascensão de seus funcionários aos mais altos escalões não tem

9 As obras completas em alemão, seguindo trechos que foram reproduzidos em *Eclipse da razão*, substituem “solidariedade humana” por “a ideia de uma verdade comum”. Note-se também que, em vez de “sociedade monopolista” (no primeiro período), fala-se em “era industrial moderna”. Cf. Horkheimer, M. (2004). “Rise and Decline of the Individual”. In: *Eclipse of reason* [1947]. London; New York: Continuum, p.98, doravante: ER [trad. bras.: Horkheimer, M. (2015). *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos H. Pissardo. São Paulo: Unesp, 2015, pp.159-160]. [N.T.]

10 Nesta primeira menção ao termo “monopolismo”, temos um exemplo da substituição do termo por “industrialismo”, em *Eclipse da razão* e nas obras completas de Horkheimer. Cf. ER, p.98 [161]; GS 12, p.83.

qualquer relação com alguma qualidade deles com respeito a um conteúdo espiritual objetivo. Trata-se quase exclusivamente de sua capacidade para se impor, controlar e para serem engenhosos no trato com pessoas. Qualidades puramente administrativas e técnicas definem as forças humanas que governam as totalidades modernas. Tais traços não estavam de modo algum ausentes nos líderes de diferentes setores das classes antigas, mas, devido à sua separação radical de qualquer ideia autônoma no presente, conferem à totalidade moderna o seu caráter particular.

O conceito de Trabalho como uma totalidade pragmática se torna bastante claro quando comparado ao proletariado tal como foi concebido por Marx. Para ele, os trabalhadores eram a massa de todos os povos explorados na sociedade industrialista. Apesar de todas as diferenças secundárias em seus destinos individuais, cada qual tinha, de modo geral, a mesma perspectiva na vida: os períodos de emprego se tornariam mais curtos, a pressão do “exército de reserva” sobre os salários ficaria mais forte e a miséria em meio a uma sociedade cada vez mais rica se tornaria insuportável. A teoria marxiana previu que os capitalistas se tornariam cada vez menos capazes de garantir sequer a subsistência da maioria da população. Esta tendência se expressaria na vida do trabalhador médio como deterioramento da sua situação como um todo, aprofundamento de sua pobreza e desesperança e desespero crescentes. A pressão econômica resultante deste estado de coisas, unida ao esclarecimento dos trabalhadores alcançado graças ao seu papel no processo produtivo moderno, levaria à formação de um partido que, por fim, mudaria o mundo. Este partido brotaria da similaridade da condição dos trabalhadores em todo o mundo. Os princípios e a estrutura do partido não atentariam às diferenças temporárias em sua situação financeira nos diversos ramos da produção ou cenários geográficos e nacionais. Ele não expressaria exatamente a consciência corrente do trabalhador individual, afetada por todas as influências mutiladoras da exploração. Por fim, encarnaria a resistência contra as frustrações impostas sobre o homem por formas sociais que haviam se tornado puramente opressivas. Não estaria fundado em fatores psicológicos, mas na tendência objetiva do sistema econômico. Os esforços deste partido seriam inspirados justamente pela realização daquelas aspirações humanas, materiais e espirituais, que foram suprimidas e distorcidas pelo processo industrial moderno que fez do indivíduo uma espécie de acessório da maquinaria. Os objetivos do partido deveriam estar conectados à condição deplorável do indivíduo e das massas e não ter nenhuma afinidade em especial com qualquer categoria de trabalhadores em particular, em detrimento dos demais. Ele representava as massas oprimidas como um todo. Uma vez que não se considerava que as razões para as frustrações dos trabalhadores residiam em qualquer falha pontual do capitalismo, mas no próprio princípio de dominação de classe, os esforços do partido dos trabalhadores deveriam ser orientados em cada estágio pela ideia objetiva de abolir tal dominação e estabelecer uma verdadeira

comunidade.

Este plano, no entanto, foi onerado já desde o início dos movimentos trabalhistas por uma dificuldade intrínseca. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores tinham que suportar toda a pressão desta sociedade, cuja tendência era mantê-los abaixo do padrão mínimo de subsistência, tinham que lutar diariamente para se manterem vivos. Isso significou manterem viva uma sociedade cujos [grupos] dominantes se tornavam cada vez mais fortes através do trabalho apropriado do proletariado. Deste modo, o conceito de luta de classes sempre teve estas duas conotações: a abolição do sistema de trabalho assalariado propriamente dito e a obtenção de maiores salários dentro desse sistema. Foi esta segunda atividade mais prática que chegou a ser concebida como o degrau necessário para a revolução, por exemplo, através da greve geral. A obsolescência desta ideia é apenas um sintoma de uma mudança fundamental: a luta de classes transformou-se em um sistema de negociação entre unidades monopolistas, ou seja, em um meio de adaptação de classe e em guerras. Anteriormente, a relação entre a luta diária e a meta revolucionária determinava todo movimento trabalhista, ao menos na Europa continental. A Teoria Crítica decidia qual caminho deveria ser tomado em cada situação. No entanto, a classe em luta nunca esteve “integrada” como um competidor a mais na busca pela mais-valia. O partido não visava de modo algum o aumento da renda de seus membros, tampouco da renda, carreira ou posição social de seus líderes. Trabalhar para o partido e até mesmo aderir a ele significava renunciar a tudo isso. Os membros do partido eram uma vanguarda da classe trabalhadora, pelo simples fato de que tais princípios só poderiam ser compreendidos e assimilados por elementos relativamente avançados desta classe. Eles deveriam controlar os líderes muito rigorosamente, e o critério para esse controle deveria ser não os desejos e necessidades próprios da vanguarda, mas o interesse em comum da classe trabalhadora em todos os países, tal como essa vanguarda era capaz de compreender. A enorme maioria do proletariado era composta de indivíduos que, psicologicamente, expressavam o efeito mutilador da exploração, e não a ideia de uma humanidade livre. Portanto, apesar de seu antagonismo em relação à maioria das massas que representava, ou até mesmo por causa dele, o partido se pensava como a consciência genuína daquela maioria. Uma vez que as massas eram incapazes de concretizar os seus interesses verdadeiros, o partido tinha de se apoiar na teoria da sociedade capitalista para tomar as suas decisões.

A teoria social¹¹ foi a herdeira dos antigos sistemas de pensamento que teriam supostamente estabelecido as regras para as totalidades do passado. Esses sistemas mais antigos desapareceram porque as formas de solidariedade então proclamadas

11 Em uma das versões consta: “A teoria, portanto, desempenhou um papel essencial no partido proletário. Ela era a herdeira destes antigos sistemas de pensamento que serviram de modelo para as totalidades do passado”. [N.T.]

por eles se revelaram traiçoeiras. Distintamente da doutrina medieval da Igreja ou da apologia liberal do sistema de mercado, a teoria proletária do capitalismo não glorificava o seu objeto. Ela via o capitalismo como a forma derradeira de dominação. Não justificava de modo algum as ideias estabelecidas e as superstições daqueles que guiava. Em contraste com as tendências da cultura de massa da atualidade, não vendia às pessoas o seu estilo de vida, que elas inconscientemente abominavam, mas abertamente aclamavam. A teoria proletária era a análise crítica da realidade, inclusive dos próprios pensamentos distorcidos dos trabalhadores. O *locus* da teoria era a diferença entre o interesse objetivo da classe explorada e o interesse imediato dos trabalhadores individuais. Quanto mais esta diferença é obscurecida pela configuração social vigente, mais a teoria tende a desaparecer. Até mesmo quando as massas eram hostis ao partido, elas sentiam que a sua teoria as conectava com os seus interesses últimos. O partido não estava acima das massas do modo como os líderes trabalhistas da atualidade estão acima dos trabalhadores que eles integram aos seus padrões organizacionais. O próprio proletariado permanecia relativamente amorfo e caótico, composto de sujeitos individuais. Embora privados de suas qualidades humanas por serem transformados em meros elementos da produção, ainda não haviam se tornado cifras estatísticas de organizações. O caráter do indivíduo não havia sido propriamente substituído pelo de membro, que é definido exclusivamente por interesses padronizados. Por volta da metade do século XIX, a natureza não integrada do trabalhador individual como parte de um proletariado amorfo constituído de camponeses ou artesões despossuídos e a sua posição retrógrada em relação à cada vez maior “socialização” [*Vergesellschaftung*] racional da sociedade estava indissociavelmente vinculada à sua “progressividade” no sentido da revolução. É significativo que, até mesmo na história recente, grupos ativos e espontâneos tenham emergido justamente destas organizações de trabalhadores¹² que, com alguma razão, são rotuladas de “atrasadas” tanto teórica como economicamente.

No entanto, não se pode atrasar o relógio e tampouco o desenvolvimento organizacional pode ser revogado ou teoricamente rejeitado. A esperança do proletariado atualmente não consiste em se apegar aos padrões tradicionais do partido e da guerra civil. Em vez disso, deve reconhecer e combater a configuração monopolista da sociedade que se infiltra nas próprias organizações proletárias e infesta as mentes dos seus indivíduos. No conceito de uma futura sociedade racional do século XIX, os traços que expressavam as funções de planejamento, organização e centralização, em oposição à economia liberal “caótica”, prevaleceram sobre os traços que expressavam a condição deplorável do indivíduo. Os partidos parlamentares dos trabalhadores, eles próprios um produto do liberalismo, denunciavam a irracionalidade

12 Em algumas das outras versões há uma referência à Guerra Civil Espanhola como exemplo de uma “situação crítica” em que isto ocorreu. [N.T.]

liberal e apoiavam uma economia socialista planificada em oposição ao capitalismo anárquico. Sob o monopolismo, o outro lado da racionalidade tornou-se manifesto em vista da sua crescente supressão: a participação de todos na moldagem da vida social, a igualdade de oportunidades para o desenvolvimento dos potenciais de cada um, igual segurança para todos. Junto com a racionalização da produção, a ideia de democracia demanda o abandono de todas as posições econômicas entrenchadas e o estabelecimento de um mundo livre de monopólios. O amorfismo, pelo qual o proletariado na era de Marx e Engels diferia fundamentalmente de qualquer espécie de totalidade, era a razão pela qual, apesar de estarem divididos em grupos nacionais, entre mão de obra qualificada e não qualificada, empregados e desempregados, os seus interesses podiam se cristalizar em um corpo como o partido. O sindicato, embora seu papel não deva ser subestimado, teve que subordinar as suas ações à estratégia do partido. O amorfismo das massas e o seu complemento, o pensamento teórico, ambos expressos na luta do partido contra a exploração, formavam o contraste em relação às totalidades pragmáticas do presente.¹³ A saída dos trabalhadores de um papel passivo no processo capitalista ocorreu ao custo da sua completa integração.

Em uma sociedade monopolista, o Trabalho é ele próprio uma espécie de monopólio; para ser mais preciso, é o monopólio dos seus líderes. Há algumas diferenças cruciais entre o Trabalho e os monopólios capitalistas. A mais importante procede do fato de que cada monopólio capitalista constitui algum tipo de unidade econômica que tenta apropriar o máximo possível de mais-valia. O termo Trabalho, contudo, abrange tanto aos líderes que se apropriam dos lucros como os membros que os produzem. O mesmo processo que, tanto na realidade como em ideologia, fez do Trabalho um sujeito econômico, transformou o trabalhador, que já era o objeto do empresário, também no objeto da sua organização. Ao mesmo tempo em que aquela ideologia se tornou mais realista, mais prática, aumentaram a sua contradição inerente com a realidade e o seu aspecto absurdo. Enquanto as massas pensam em si mesmas como criadoras do seu próprio destino, os líderes as usam como uma mercadoria. O fato de que o Trabalho é um monopólio não significa que os seus membros, à exceção da aristocracia trabalhista, sejam monopólios. Significa, na verdade, que os líderes controlam a mão de obra [*labor supplies*] como os presidentes das grandes corporações controlam as matérias-primas, máquinas ou outros elementos da produção. Os líderes do Trabalho negociam este tipo de mercadoria, a manipulam, anunciam e tentam fixar o seu preço o mais alto possível. O Trabalho, tornando-se um negócio entre outros, completa o processo de reificação da mente humana. Atualmente, o poder produtivo de um homem não é apenas comprado pela fábrica e subordinado às exigências tecnológicas, mas racionado e gerenciado pelas agências superiores

13 Escrito à mão em uma das versões: “O proletário tal como concebido por Marx não era uma totalidade”. [N.T.]

do Movimento Trabalhista. Esta é uma transformação dupla [*double-barreled*] dos homens em coisas. Com as ideologias religiosas e morais em desvanecimento e a teoria proletária em abolição pela marcha dos eventos econômicos e políticos,¹⁴ a consciência dos trabalhadores tende a se tornar idêntica às categorias de negociação de seus líderes. A ideia de um antagonismo intrínseco entre o proletariado internacional e qualquer sistema de dominação é completamente suplantada pelos conceitos relacionados às disputas de poder entre os vários monopólios. É verdade que os proletários do passado não tinham qualquer conhecimento conceitual dos mecanismos sociais desvelados pela teoria e que as suas mentes e almas traziam o emblema da opressão. No entanto, a sua miséria era ainda a miséria de seres humanos singulares e, portanto, os conectava a qualquer massa explorada em qualquer país ou setor da sociedade. As suas mentes pouco desenvolvidas não eram mantidas em movimento pela técnica da cultura de massa moderna, que martela os padrões de comportamento predominantes sob o monopolismo em seus olhos, ouvidos e músculos durante o seu tempo livre, bem como durante as horas de trabalho (das quais, de todo modo, o assim chamado período de divertimento mal pode ser distinguido).¹⁵ Atualmente, os trabalhadores, bem como o público em geral, são mais bem treinados intelectualmente, melhor informados e muito menos ingênuos. Eles conhecem os detalhes dos assuntos nacionais e os truques e meios desonestos típicos dos movimentos políticos, particularmente daqueles que vivem da propaganda contra a corrupção. Os trabalhadores, ao menos aqueles que não passaram pelo inferno do Fascismo, estão dispostos a se juntar a qualquer perseguição de um capitalista ou político que tenha sido escolhido para tal por ter violado as regras; mas não questionam as regras em si. Aprenderam a tomar a injustiça basilar da sociedade de classe como um fato poderoso e a tomar fatos poderosos como as únicas coisas a serem respeitadas. Suas mentes estão fechadas para sonhos de um mundo fundamentalmente diferente e para conceitos que não sejam mera classificação de fatos, mas formados sob o ponto de vista da satisfação real de tais sonhos. A sua crença infantil em tais coisas foi tão

14 O declínio da teoria e a sua substituição pela pesquisa empírica em um sentido positivista é expresso não apenas no pensamento político, mas também na sociologia acadêmica. O conceito de classe em seu aspecto universal, típico para a teoria social, desempenhou um papel essencial na jovem sociologia americana. Mais tarde, foram privilegiadas investigações à luz das quais estes conceitos parecem cada vez mais metafísicos. Em nossa opinião, a base deste desenvolvimento deve ser buscada no processo social ao qual nos referimos, e não no progresso da ciência em si. A época em que a sociologia acreditava em sua “tarefa mais ampla de construir sistemas teóricos sobre a estrutura social e a mudança social”, o período anterior à Primeira Guerra Mundial, foi marcado “pela crença geral de que a sociologia teórica iria de alguma forma desempenhar um papel constitutivo considerável no desenvolvimento progressivo de nossa sociedade; a sociologia tinha as ambições grandiosas da juventude” (Page, C. H. (1940). *Class and American Sociology*. New York, p.249). No momento, as suas ambições são certamente diferentes. [N.A.]

15 Em uma das versões, consta a seguinte passagem datilografada: “Como era fato que muitos deles tinham de levar uma vida de vadiagem periodicamente, as suas mentes estavam inclinadas a perambular, e, portanto, eram suscetíveis à teoria”. [N.T.]

drasticamente aniquilada que agora eles teimam em acreditar na realidade como ela é. Desesperadamente, repetem os comandos que são inculcados nas crianças quando tentam abrir os olhos: há apenas um modo de viver, o modo vigente, aquele da esperteza cínica [*hardboiled smartness*];¹⁶ as coisas que parecem ser opostas a isso são *slogans* inúteis, mentiras, metafísica; é justo que aquele que é incapaz de se adaptar a este estado de coisas, seja ele mesmo ou qualquer outro homem, o mal ajustado, o estúpido, seja condenado. As condições econômicas modernas promovem uma atitude positivista nos membros [do movimento trabalhista], bem como nos líderes, que então se assemelham cada vez mais. Uma tal transformação, embora constantemente desafiada por tendências na direção contrária, fortalece o Trabalho como uma nova força na vida social.

Isso não significa que a desigualdade tenha diminuído. Nem mesmo as estatísticas podem esconder o fato de que a lacuna entre o poder social de um único trabalhador e de um presidente de corporação foi alargada; uma diferença que é o verdadeiro padrão de medida da justiça social. E, enquanto os sindicatos, negociando por certas categorias de trabalho, têm conseguido aumentar o seu preço, todo o peso da sociedade é sentido pelas outras categorias, estejam organizadas ou não. Há, adicionalmente, a clivagem entre os membros dos sindicatos e os que não têm condições de se filiar a eles, entre povos de nações privilegiadas e os que, em um mundo de menor desenvolvimento, são explorados não só pelas suas próprias elites tradicionais, mas também, através delas, pelos grupos dominantes dos países mais desenvolvidos industrialmente. O princípio de exploração não se modificou de maneira alguma. Realizou-se a previsão de Marx de que a indústria privada concorrencial se tornaria cada vez mais incapaz de empregar o proletariado em massa como assalariados na produção de bens de consumo ou de maquinaria. A associação das massas contra a exploração universal tornou-se ainda mais difícil em consequência disso, em vista do surgimento de novos antagonismos nas próprias fileiras das massas oprimidas. Os interesses opostos de agricultores e trabalhadores, trabalhadores de colarinho azul ou branco [*colored and white labor*], soldados e civis são complicados pelos interesses opostos das várias categorias de empregados. Uma vez que a tendência da sociedade capitalista é que parcelas cada vez maiores das classes médias percam a sua independência econômica, esse processo engloba quase toda a população. Ele produz um complemento para a emancipação de grandes

16 A palavra “*hardboiled*” diz respeito a uma atitude cínica. O termo estava em voga nos Estados Unidos dos anos 1930 e 1940 em referência a um gênero de literatura policial. Tipicamente, os seus personagens são pessoas comuns, o que lhes atribui um ar realista, e pouco confiáveis. Os protagonistas são detetives cínicos, de moralidade ambígua, até mesmo anti-heróis. Exemplo de um autor do gênero é Dashiell Hammett (autor de *O falcão maltês*, conhecido filme *noir* de 1941 dirigido por John Huston). Horkheimer se refere, assim, a um tipo de esperteza pragmática, em um mundo pouco acolhedor, sem idealizações e que desconsidera valores morais ou transcendentais; ou seja, uma esperteza que parece ser necessária em um mundo desesperançado. [N.T.]

massas da estagnação econômica e da pauperização. Quanto mais o mundo se torna maduro para a realização do pensamento teórico, mais ele e todos os traços humanos que apontam para si parecem desaparecer e, onde quer que se manifestem, são dizimados impiedosamente [por mecanismos ideológicos de controle que servem aos monopólios tanto da indústria como do Trabalho].¹⁷ As precauções conscientes tomadas pelo rádio, pela imprensa e pelos filmes são apenas um suplemento visível às tendências inconscientes necessárias ao desenvolvimento econômico e social. A perseguição a qualquer pensamento social independente que não represente nenhum dos grupos em luta por um maior quinhão de poder e que não tenha utilidade para qualquer interesse predominante é planejada e praticada não apenas pelas agências da cultura, mas ocorre no interior de cada membro da sociedade. [Restam, no entanto, alguns centros de resistência no interior do homem. O fato de que, apesar do ataque contínuo dos padrões coletivos, a humanidade ainda sobreviva, se não no indivíduo como um membro de grupos sociais, ao menos no indivíduo quando é deixado em paz, é uma evidência contrária ao pessimismo social].¹⁸

O poder dos padrões coletivos da sociedade monopolista vai muito além da esfera de influência consciente. Desde o dia de seu nascimento, é imposto ao indivíduo o sentimento de que há apenas um modo de se dar bem neste mundo: a renúncia à sua esperança ilimitada. Isso ele só pode obter por meio da imitação (mimese). Ele continuamente ruma¹⁹ aquilo que percebe sobre si não só de modo consciente - pois adquire julgamento e noções apenas mais tarde -, mas com todo o seu ser. Antes que sequer possa falar, ecoa os gestos de pessoas e coisas ao seu redor e, em seguida, os traços e atitudes de todas as coletividades das quais está à mercê: a sua família, os seus colegas de classe, a sua equipe esportiva e todas as outras equipes que impõem uma conformidade mais profunda, uma rendição através da completa assimilação, mais radical do que aquela imposta por qualquer pai ou professor do século XIX. Ao ecoar, repetir, imitar o seu entorno, ao se adaptar a todos os grupos poderosos a que pertence, ao se transformar de um ser humano em um membro de corpos organizados específicos, ao reduzir as suas potencialidades à prontidão e à habilidade de se conformar e ganhar influência neles, ele pode, por fim, conseguir sobreviver. É a sobrevivência através da prática do mais antigo meio biológico de sobrevivência: o mimetismo [*mimicry*]. A cultura moderna é uma ressurreição das práticas miméticas oprimidas. Tal como uma criança repete as palavras de sua mãe e o jovem repete os modos brutais dos mais velhos em cujas mãos tanto sofreu, a cultura industrializada, gigantesco alto-falante do monopolismo,

17 A passagem entre colchetes foi escrita à mão. [N.T.]

18 Esta passagem entre colchetes foi riscada para exclusão. [N.T.]

19 Em outra versão, utiliza-se o verbo repetir; em *Eclipse da razão*, o verbo reagir (ER, p.96 [trad. bras. p.156]). [N.T.]

copia a realidade infinitamente e fastidiosamente. Todos os engenhosos artifícios da indústria do entretenimento servem apenas para reproduzir incessantemente, e sem trair a menor revolta, cenas da vida que já são monótonas e automatizadas quando ocorrem na realidade. Os filmes, o rádio, as biografias populares e romances bradam incessantemente o mesmo ritmo: este é o nosso ponto de encaixe, o trilho para os grandes e os pequenos, essa é a realidade como é, como deve ser e como será. Até mesmo as palavras que poderiam expressar uma esperança por algo diferente dos frutos do sucesso foram absorvidas. Por um lado, a bem-aventurança e tudo o que se refere ao absoluto foram assimilados ao serem limitados a uma função de edificação religiosa para o momento de lazer; tornando-se parte do vernáculo da Escola Dominical. A felicidade, por outro lado, passou a significar justamente a vida normal contra a qual o pensamento, e até mesmo o pensamento religioso em certas épocas, continha uma crítica radical. A linguagem foi reduzida por completo²⁰ à função que lhe é atribuída na teoria positivista; tornou-se apenas mais uma ferramenta no aparato gigantesco de produção na sociedade monopolista. Toda sentença que não equivalha a uma operação naquele aparato parece ao leigo tão sem sentido como sustenta a semântica contemporânea, cuja doutrina implica, na verdade, que apenas a sentença puramente simbólica e operacional, ou seja, puramente sem sentido, faz sentido. Sob a pressão das totalidades pragmáticas do presente, a autoexpressão do homem se tornou idêntica às suas funções no sistema vigente. Em seu interior, assim como nos outros, o homem reprime desesperadamente qualquer outro impulso. Onde quer que ele perceba um anseio não ajustado, sente uma ira e fúria avassaladoras, uma raiva absoluta que recai sobre todos e tudo o que, ao exibir a ideia de uma realização completa,²¹ o força a refrear e reprimir novamente tal anseio. [Apenas este rancor indica que a humanidade não foi completamente absorvida pela coletivização repressiva do homem. A maleabilidade das vítimas tem um efeito inquietante sobre os [grupos] dominantes.²² Apesar de suas vitórias sociais e psicológicas, eles sentem que o seu controle sobre as massas está ameaçado. É por isso que o terror precisa implementar a coletivização].²³

Nos primórdios da sociedade burguesa, assim como em outras formas de sociedade, havia uma profusão de sujeitos econômicos independentes que tinham

20 Passagem similar consta na conferência “Meios e fins”, de *Eclipse da razão*, com uma alteração: “a linguagem foi a reduzida a apenas mais uma ferramenta do aparato gigantesco de produção na sociedade moderna” (ER, p.15 [trad. bras. p.30], grifo nosso), passagem em que se observa também a substituição do termo “sociedade monopolista” por “sociedade moderna”. [N.T.]

21 Anteriormente: “incitar o anseio [*longing*] antigo e imortal”. [N.T.]

22 Tal “maleabilidade das vítimas” é também apontada na conferência “Ascensão e declínio do indivíduo”, de *Eclipse da razão*: “porém, apesar da sua maleabilidade [*pliability*], as massas não capitularam completamente à coletivização” (ER, p.97 [trad. bras., p.159]). [N.T.]

23 A passagem entre colchetes foi escrita à mão em duas das versões consultadas, inclusive a versão principal utilizada para esta tradução. [N.T.]

de cuidar de sua propriedade individual e conservá-la contra as forças sociais concorrentes. Tais funções requeriam a promoção de um pensamento relativamente independente que, pela sua própria natureza, pela sua “objetividade”, está relacionado aos interesses da humanidade. Contra os seus próprios desejos, a sociedade de proprietários de classe média e, particularmente, as profissões vinculadas à esfera econômica da distribuição,²⁴ que agora está em desaparecimento, tiveram que promover um modo de pensar antagônico ao regime e dominação de classe. Atualmente, no exercício de suas funções econômicas, o indivíduo nunca se confronta diretamente com a sociedade. É sempre o seu grupo, associação ou sindicato que cuida dos seus direitos.²⁵ Por isso, a própria categoria do indivíduo, com suas boas e más implicações, está em estado de liquidação. O pensamento desvinculado do interesse de qualquer grupo estabelecido ou dos negócios de alguma indústria perdeu a sua relevância. É considerado fútil e vazio. Aquela mesma sociedade que, [mesmo] em face da fome e da inanição em vastas regiões do mundo, deixa uma parcela considerável de sua maquinaria ociosa, que suspende e arquiva invenções importantes e que, nos raros períodos de pleno emprego, devota uma enorme parcela das horas de trabalho à publicidade tola (pois até mesmo o que resta da cultura se reduz a anúncios publicitários e propaganda) ou à produção de instrumentos de destruição, esta mesma sociedade à qual estes luxos sinistros são inerentes fez da utilidade o seu evangelho. Em direção oposta, tachou como luxo a única meta final para a qual a civilização poderia ser útil: a saber, a verdade que vislumbra a realização da humanidade em vez da dominação da natureza.

No entanto, a diferença da situação atual em relação a outros capítulos da história não deve ser exagerada. Nos períodos iniciais [da sociedade burguesa] acima mencionados, o pensamento independente nas classes médias existia ao custo das condições materiais miseráveis da classe trabalhadora, mesmo nos países mais desenvolvidos. Os pensadores revolucionários do proletariado vieram das classes médias ou superiores. Desde então, a classe trabalhadora como um todo obteve um enorme progresso. A sua racionalidade, ao menos até onde é capaz de se expressar, é puramente pragmática e, portanto, “particularista”, como aquela do restante da sociedade; porém o crescente temor de que sejam abolidos o medo e a repressão transparece na enorme pressão física, organizacional e cultural necessária para mantê-la neste estado; no crescente furor com que são odiados e, conseqüentemente, perseguidos não apenas todo vestígio de uma prática política independente, mas a expressão de qualquer pensamento independente ou até mesmo a mera suspeita de sua existência; e no frenético fortalecimento de todas as organizações e movimentos

24 Riscado: circulação. [N.T.]

25 Cf. Kirchner, O. (1941). “Changes of Political Compromise”. In: *Studies in Philosophy and Social Science*, pp.264-289. [N.A.]

reacionários. Há uma tentativa febril de canalizar a fúria cada vez maior que se desenvolve nas massas devido à necessidade de reprimir os seus próprios anseios originais e de evitar que este furor seja suplantado por um possível discernimento da crescente falta de sentido de tal repressão e da identidade real dos interesses humanos. Tal canalização, que foi desde sempre a tarefa da [classe] dominante, de seu aparato cultural e terrorista, também se tornou tarefa das organizações trabalhistas que, ao mesmo tempo, conduziram o trabalho [*labor*] na direção da luta concorrencial e aumentaram a sua força. O antagonismo entre as classes é reproduzido no interior da estrutura do trabalho, especialmente nos próprios sindicatos, embora seja talvez mais velado ali do que jamais foi na sociedade como um todo. Docilmente e sem qualquer sinal de interesses contrários, os trabalhadores entregam parte do seu dinheiro aos trustes colossais que negociam o seu trabalho. Não é tanto o montante das contribuições que faz dos líderes trabalhistas uma espécie de grupo da classe dominante, mas o controle social exercido por eles com base nessas contribuições. Certamente, uma grande parte dos seus interesses materiais se opõe aos interesses de outros grupos concorrentes, mas isso também vale para todos os grupos que alguma vez compuseram a classe dominante: todos eles lutaram uns contra os outros.²⁶ A sua afinidade advém da fonte de sua renda.

Todos [os grupos dominantes] vivem daquilo que podem arrebatam da mais-valia circulante. Isso também vale para o próprio industrial. As horas de trabalho consumidas na produção de mais-valia sob a sua supervisão imediata não correspondem à cota que ele próprio obtém de toda a mais-valia à disposição da classe dominante. Ele recebe o seu lucro não como um industrial, mas como um homem de negócios; como tal, ele tem que concorrer com outros para obter o maior montante possível do resultado total de cada período de produção. Ele está na mesma posição que aqueles capitalistas cujo ofício não é diretamente produtivo, como os banqueiros, empresários das indústrias de comunicação ou entretenimento e todas as profissões e atividades liberais. Todos eles têm de desenvolver a sua habilidade para o cálculo astuto, não darem nada sem obter o máximo possível em troca, se tornarem aceitáveis para os grupos mais fortes, usarem os seus semelhantes exclusivamente como uma ferramenta para fortalecer o seu domínio na sociedade. Esta habilidade não deriva de uma determinação consciente. Muitas pessoas estão determinadas a assumir tal atitude perante a vida; mas a consciência dessa sua disposição incita contratendências em suas próprias mentes e nas mentes das pessoas sobre as quais querem se impor. As qualidades necessárias para a ascensão brotam do inconsciente; elas se tornaram segunda natureza no homem. Seja como for, estas qualidades

26 Em uma das versões, Horkheimer acrescenta que isso vale para: “os poderes mundanos e espirituais na Idade Média, os senhores feudais, a igreja e a corte sob o absolutismo, os diferentes grupos na produção e no comércio modernos” [N.T.].

psicológicas são indispensáveis. A ideologia liberal de que o destino de um homem depende da importância econômica da sua atividade requer duas correções. Em primeiro lugar, importância econômica nesta sociedade significa utilidade não em relação às necessidades de todos, mas às condições essenciais da hierarquia de poder. Para que lhe seja permitido viver, o indivíduo deve provar o seu valor para algum dos grupos engajados na luta por uma maior participação no controle da economia nacional e internacional. Em segundo lugar, a quantidade e a qualidade de bens ou serviços com que um indivíduo contribui para a riqueza da sociedade é apenas um dos fatores que determinam o seu sucesso.

Quanto mais a economia é racionalizada, mais se torna óbvio que as diferenças na inteligência necessária para as diversas funções poderiam ser facilmente superadas através de um treinamento adequado. Sob tais condições, torna-se fundamental, antes de qualquer outro traço pessoal, a adaptabilidade às relações de poder vigentes. A subestimação da similaridade entre os traços de caráter que são promissores em diferentes ramos da produção e dos negócios e a confusão do uso racional dos meios de produção com as inclinações racionais de algumas categorias de seus agentes tem sido a falácia do pensamento tecnocrático, de Saint Simon a Veblen.²⁷ O engenheiro, de fato, encarna o progresso. Ele olha para as pessoas não exclusivamente como meios para a obtenção de lucro. A sua função no comando está mais diretamente ligada aos requisitos do trabalho em si; por isso, as suas ordens ostentam o signo de uma maior objetividade. Os seus subordinados reconhecem que ao menos parte dos seus comandos estão fundados na natureza das coisas e, portanto, são racionais em um sentido universal. Mas mesmo a essência desta racionalidade não é a razão, mas a dominação. O entendimento das coisas pelo engenheiro considera, entre os seus elementos, aqueles pelos quais elas podem ser manipuladas e transformadas, os seus pontos mais fracos, por assim dizer. Ele não está interessado nas coisas como elas são de fato, mas em como podem ser encaixadas em esquemas completamente alheios à sua natureza. De fato, seus métodos de raciocínio e as suas categorias levam necessariamente ao triunfo da tecnologia moderna: a desintegração do átomo. Ninguém é visto como uma finalidade; todos são meras ferramentas. A sua mente é a da sociedade de classes, em sua forma otimizada, sem quaisquer ornamentos. O seu domínio resolutivo [*purposeful rule*] faria da humanidade uma massa de ferramentas sem qualquer propósito [*without any purpose*].

Os líderes trabalhistas se tornaram um grupo ganancioso entre outros. As condições sob as quais eles trabalham são mais difíceis. Para eles, não é tão fácil como para os líderes dos grandes trustes capitalistas manter os seus atos fora da discussão por uma opinião pública que, em última análise, é controlada pelos empresários.

27 Cf. Adorno, T. W. (1941). Veblen's Attack on Culture. *Studies on Philosophy and Social Science*, 1, 397-399. [N.A.]

As grandes massas de membros com que os magnatas do trabalho têm de lidar, bem como certos padrões basicamente democráticos inerentes a todas as organizações trabalhistas não fascistas não permitem o recurso às mesmas técnicas conspiratórias que têm sido empregadas com tanto sucesso pelos grandes negócios em todas as suas empreitadas nacionais e internacionais. É por isso que a burocracia trabalhista tenta evitar reuniões de seus associados tanto quanto possível. Toda minoria dirigente necessita do sigilo como condição para a sua perpetuação. No entanto, apesar de todas estas diferenças essenciais, a similaridade entre as totalidades organizadas do Trabalho e outros monopólios não deve ser subestimada.

Cada um dos grupos capitalistas, profissionais e trabalhistas exerce uma função específica no processo social e cada qual usa tal função para obter o maior quinhão possível de poder sobre homens, bens e serviços. Ao longo da história, foram empregados diversos métodos nesta disputa: concorrência, trapaças, roubos e guerras. Esta disputa, que, como assinalamos de início, caracteriza a configuração de cada classe dominante tão definitivamente quanto o seu papel na produção, tornou-se um traço dos grupos trabalhistas da atualidade. [passagem ilegível] Os líderes trabalhistas não podem atingir quaisquer resultados sem obterem, ao menos temporariamente, algumas vantagens para os trabalhadores. Mas o seu poder social e econômico, posição e renda (todos eles esmagadoramente superiores ao poder, posição e renda do trabalhador individual) dependem da manutenção do capitalismo. Este fato econômico é verdadeiro, a despeito dos grandes serviços que eles possam prestar às suas respectivas associações. Também as atividades do empresário muito frequentemente tiveram um efeito positivo sobre a renda do trabalho [*labor*]; maiores rendas para os empresários não estão mais em oposição aos interesses do trabalho do que as altas rendas dos líderes trabalhistas. Mas há agora um novo tipo de solidariedade entre antigas e novas elites; a história social durante as últimas décadas estreitou a cooperação entre elas. A atitude dos grandes sindicatos trabalhistas em relação ao Estado nas últimas décadas foi similar àquela das grandes organizações capitalistas. Eles se preocupavam sobretudo em evitar que o Governo se intrometesse nos seus assuntos. “Nenhuma interferência em nossos negócios privados” era a sua doutrina.²⁸ [Este era a perspectiva *Herr im Hause*]. Nesse meio tempo, o crescente

28 Veja-se, por exemplo, o depoimento Gompers no Lockwood Committee. [N.A.]. Samuel Gompers foi presidente da *American Federation of Labor*, uma espécie de central sindical, de 1886 a 1924, sendo acusado de conivência com a infiltração da máfia nas organizações trabalhistas. O Lockwood Committee, encarregado de investigar tal vínculo nos sindicatos de construção em 1922, foi constituído com a autorização da legislatura estadual. Em seu depoimento, Gompers insistiu que estava em ação um esforço dos empregadores para desacreditar os sindicatos e colocá-los sob o controle estatal. Cf. Jacobs, J. (2006). *Mobsters, Unions, and Feds. The Mafia and the American Labor Movement*. New York: New York University Press, pp.77-79. Como observa James Schmidt, a atitude de Gompers é interpretada por Horkheimer como uma intenção de evitar escrutínio público e interferência sobre as suas atividades, o que ao mesmo tempo explicita a sua diferença em relação aos líderes dos grandes monopólios, que conseguem controlar melhor a opinião

poder econômico dos monopólios [incluindo o trabalho]²⁹ fez com que um acordo entre os seus líderes, assim como um acordo com o governo central, fosse imperativo para os líderes trabalhistas e importante para o governo. A integração de elementos corporativos na administração progrediu durante a guerra. A sociedade se torna um processo planejado e regulado, não em relação a grandes eventos (que ainda dependem das forças cegas decorrentes da disputa entre as classes e entre os diversos grupos dirigentes), mas no que diz respeito à vida do indivíduo; não no sentido de autoadministração (as decisões são tomadas por meio de arranjos e concessões entre os notáveis, cujos interesses não correspondem àqueles do restante da sociedade), mas tendo em vista um desempenho otimizado do aparato material e humano de produção.

É possível que, tendo os grupos capitalistas mais fortes obtido o controle direto do Estado, a burocracia trabalhista seja abolida, assim como a burocracia governamental, e que sejam substituídas por mandatários mais confiáveis dos grandes negócios. Embora isto pudesse ser alcançado sem uma mudança formal dos princípios constitucionais, representaria um desenvolvimento similar ao que ocorreu na Alemanha. Também é possível que o trabalho, em sua estrutura atual, obtenha uma porção ainda mais robusta da configuração futura. Em ambos os casos, as condições materiais do trabalho podem melhorar temporariamente nos Estados dominantes no futuro, às custas das nações derrotadas e subordinadas. Mas, ao mesmo tempo, irá se aprofundar o fosso entre a importância de um membro em particular e dos funcionários proeminentes, se tornará mais pronunciada a impotência do indivíduo humano e aumentará a diferença de salários de acordo com sexo, idade e grupos industriais e de raça.³⁰ Isso promoverá o triunfo da racionalidade particularista na interioridade dos trabalhadores e os levará à completa desilusão. Eles se ajustarão ainda mais completamente ao sistema e, ao mesmo tempo, se tornarão mais obstinados contra as suas exigências rigorosas. Concomitante a todos os mecanismos de economia de trabalho dos quais os trabalhadores desfrutaram habilmente, há um descontentamento pessoal crescente e uma atitude econômica em relação a qualquer dispêndio de força de trabalho. Ninguém quer ser um otário. É verdade que o processo tecnológico não tornou os trabalhadores revolucionários, mas refratários,

pública. Esta análise de Horkheimer ressoa estudos publicados na revista do Instituto de Pesquisa Social (cf. Schmidt, J. (2016). “Racket”, “Monopoly” and the Dialectic of Enlightenment. *nonsite.org*. Recuperado de: <http://nonsite.org/the-tank/max-horkheimer-and-the-sociology-of-class-relations> [acesso: 22.07.2020]). [N.T.]

29 As passagens em colchetes nos dois últimos períodos foram marcadas para exclusão. [N.T.]

30 Em outra versão do texto, o parágrafo termina desta forma: “este duplo processo vai promover uma integração mais completa da classe trabalhadora na sociedade moderna, bem como uma unificação da psicologia no sentido do triunfo de uma racionalidade particularista por trás do tênue véu dos *slogans* coletivistas. Isso significa a desilusão das massas e uma ameaça crescente ao sistema de classes. Por outro lado, a concentração de poder dos grupos dominantes, com as suas técnicas de defesa centralizadas, tornará qualquer mudança mais difícil”. [N.T.]

insubordinados, difíceis de manejar. Ao passo que anteriormente a classe dominante podia empregar ideologias abrangentes, que eram suficientemente boas para toda a população, o monopolismo precisou desenvolver uma ciência de Gestão de Pessoas. Hoje, as grandes plantas [industriais] mantêm especialistas que atendem aos problemas pessoais do trabalhador individual. Eles adaptam as técnicas mais engenhosas, como estações de férias [*resort places*], alguma psicanálise simplificada e sinfonias de Tchaikovsky no autofalante [durante as horas de trabalho].³¹ Tudo isso acompanha um terror incessante contra qualquer um que se oponha seriamente ao sistema vigente. Os trabalhadores se tornam um fator cada vez mais inquietante dentro da configuração do monopolismo como um todo, devido justamente à sua assimilação aos seus padrões materiais e culturais. [Eles ameaçam adquirir o que esta época destrói, isto é, a individualidade. Por isso, o próprio capitalismo tende a promover padrões sociais pseudocoletivistas e formas fascistas de governo].³²

A abolição gradual do mercado como um regulador da produção é um sintoma da influência declinante de qualquer coisa externa aos grupos decisivos.³³ É verdade que as necessidades que se faziam sentir de modo altamente distorcido, anônimo e irracional no sistema de mercado podem agora ser determinadas por estatísticas e

31 A última passagem entre colchetes reproduz um trecho marcado para exclusão. [N.T.]

32 A passagem entre colchetes acima foi escrita à mão, em substituição à seguinte passagem: “Ao mesmo tempo, a concentração de poder dos grupos dominantes, com as suas técnicas de defesa centralizadas, tornará qualquer mudança mais difícil”. [N.T.]

33 Um símbolo do fim do liberalismo e de que o indivíduo está em extinção é a proibição quase universal da propriedade privada do ouro. As diversas leis que resultaram na abolição deste direito ratificaram o veredito contra a existência do sujeito econômico independente. Elas colocam os pingos nos “is” de todas as tendências e medidas que abolem o mundo liberal. A propriedade privada do ouro significava para o [seu] proprietário uma certa proteção contra as oscilações da economia. Mesmo a propriedade modesta [de ouro] garantia, dentro de certos limites, uma vida não inteiramente absorvida pela participação no processo econômico. A relativa estabilidade do valor daquela mercadoria em particular dotava o seu proprietário de uma força de resistência contra a sua completa integração ao mecanismo social. Esta resistência se expressava em um certo grau de autonomia, pela qual a cultura burguesa se caracterizava. A posição mais ou menos independente do pequeno proprietário, centrada neste direito de trocar os seus bens e o seu dinheiro por ouro, se manifestou em sua própria mentalidade, assim como na literatura e na arte. Em certa medida, a cultura obedecia às suas próprias leis, e continha uma crítica não apenas de pontos específicos e concretos da realidade, mas também de sua estrutura básica. O ouro, quando ao alcance de qualquer sujeito econômico, tornava o indivíduo burguês de certa forma o sucessor do aristocrata. O burguês podia proporcionar segurança para si e garantir razoavelmente que, mesmo após a sua morte, os seus dependentes não teriam de se submeter totalmente à sociedade. Esta liberdade, por um lado, excluiu as massas, mas, por outro, criou formas culturais que se opunham a esta mesma exclusividade. Hoje, ninguém espera encontrar um abrigo para levar uma vida independente. É preciso se render completamente, não à solidariedade humana, mas ao processo social do monopólio. Não há áreas de parada nas vias de circulação da sociedade. Todos devem se manter em movimento. O monopolismo não tolera o pedinte. Mas o pedinte, que o Rentista sempre quis ver removido das ruas, o leva consigo para o reino dos derrotados. A isenção do trabalho, a “privacidade”, voluntária ou não, davam testemunho da existência de uma ordem não totalitária. A propriedade privada do ouro era o signo do domínio burguês. A sua transferência para o Estado é o signo do monopólio. Não é de admirar que o fascismo inaugurou as suas proposições econômicas com a sugestão de criar “*Schwundgeld*”, ou seja, dinheiro feito de um material que se deteriora após um certo tempo. [N.A.]

satisfeitas ou rejeitadas de acordo com a política [*policy*] dos governantes. Mas se esta nova racionalidade está em certo sentido mais próxima da ideia de razão do que estava o sistema de mercado, ela está, de outra maneira, mais distante dela. As negociações entre os dominantes e dominados eram na verdade determinadas não pelo mercado, mas pela distribuição desigual de poder expressa na propriedade dos meios de produção; ainda assim, a transformação das relações humanas em mecanismos econômicos objetivos conferia ao indivíduo, ao menos em princípio, certa independência. A dominação era humanizada pelas esferas desumanizadas, ou seja, intermediárias. Atualmente, a expressão das necessidades humanas já não é distorcida pelos indicadores econômicos duvidosos do mercado, mas por sua moldagem consciente em um sistema gigantesco de cirurgia sociopsicológica. A miséria dos concorrentes malsucedidos e dos grupos atrasados já não pode ser atribuída a processos anônimos que permitiam uma distinção deles como sujeitos econômicos e seres humanos. A queda de oponentes vencidos, competidores ou inteiros estratos sociais, minorias ou nações, é decidida pelas elites. Aqueles que deverão sofrer são selecionados e chamados pelo nome. No entanto, as políticas insidiosas dos líderes econômicos hoje são tão privadas e particularistas [quanto antes] e, por isso, talvez ainda mais cegas em relação às reais necessidades da sociedade do que as tendências automáticas que outrora determinavam o mercado. Ainda é a irracionalidade que molda o destino dos seres humanos. Isso não significa que a razão não seja conservada por nenhum indivíduo ou grupo. Há mais pessoas que têm uma percepção real da situação econômica e de suas potencialidades atualmente do que em qualquer outro período. As suas chances parecem ter melhorado com o progresso dos métodos de produção, comunicação e planejamento e com a decomposição de toda sorte de superstição. Na verdade, as possibilidades do pensamento se deterioraram devido ao aperfeiçoamento dos métodos de dominação, à extinção do pensamento teórico e aos novos e mais fortes tabus resultantes da filosofia pseudoesclarecida do pragmatismo, que expressa o abandono do pensamento não integrado.

Sob o monopolismo e o totalitarismo, torna-se flagrante a natureza perene da dominação, o seu caráter parasitário. Cada classe dominante sempre foi monopolista na medida em que se isolou da esmagadora maioria dos indivíduos. A sua estrutura tem sido aquela de *rackets* concorrentes.³⁴ Até mesmo as funções socialmente úteis desempenhadas pela classe dominante foram convertidas em armas contra a população subalterna e contra os grupos concorrentes de sua própria classe. O padrão-*racket*, que tem sido típico do comportamento dos [grupos] dominantes em

³⁴ Esta é a primeira aparição neste texto da expressão *rackets*. Como detalhado na Apresentação que precede esta tradução, o termo não foi traduzido por advir de uma expressão coloquial estadunidense e para evidenciar o seu desenvolvimento, de uma referência a organizações criminosas para acusações dos representantes do empresariado contra as organizações sindicais e, por fim, a sua ressignificação e amplificação por Horkheimer. [N.T.]

relação aos dominados, é agora representativo de todas as relações humanas, até mesmo aquelas no interior do Trabalho.³⁵ É óbvia a similaridade entre as entidades históricas mais respeitáveis, a exemplo das hierarquias da Idade Média, e os *rackets* modernos. O conceito de *racket* faz referência tanto a grandes como a pequenas unidades; todas lutam pelo maior quinhão possível da mais-valia. A esse respeito, os corpos capitalistas mais desenvolvidos se assemelham aos pequenos grupos de pressão, que trabalham dentro ou fora dos limites da lei, entre os estratos mais miseráveis da população. Deve-se enfatizar o fato de que o papel de um grupo na produção, embora determine em grande medida a sua fatia de consumo, tem sido uma boa posição estratégica na sociedade de classes para obter o máximo possível de bens e serviços na esfera da distribuição. Esse é o caso especialmente nos períodos em que se tornou obsoleto o modo de produção ao qual os seus líderes se agarram tão tenazmente. Eles empregam o seu aparato produtivo como assaltantes usam as suas armas. Aquilo que o pequeno *racket* ilegal tem sido para o ramo particular de negócios que “protegia” e espoliava, a classe, que constitui o total dos seus sub-*rackets*, tem sido para a sociedade como um todo. Pode ser que não haja um raciocínio consciente sobre tais implicações no atual emprego coloquial da expressão *racket* como algo equivalente a qualquer emprego lucrativo. Mas, objetivamente, tal uso do termo expressa a ideia de que na sociedade atual toda atividade, seja ela qual for, não tem como conteúdo e meta qualquer interesse a não ser a aquisição da maior parcela possível da mais-valia circulante. A tentativa de monopolizar uma função econômica não está voltada à produção nem à satisfação das necessidades. O rótulo de “improdutividade”, empregado contra diversos tipos de atividades e até mesmo contra grupos inteiros, acrescido ao medo constante de que qualquer coisa que se faça possa ser inútil, parece se originar³⁶ de um medo inconsciente de que toda a atividade frenética desta sociedade pragmática seja trabalho de Sísifo. A indústria suplanta a sua própria consciência e a percepção da sociedade de que a produção é

35 Em uma das versões, do começo deste parágrafo até este ponto, temos a seguinte passagem datilografada: “Todas as tendências mencionadas nas páginas anteriores precisam ser levadas em consideração quando for esboçada uma teoria das relações de classe ao nível da nossa experiência presente. O conceito de *racket* serve apenas para diferenciar e concretizar a ideia da classe dominante; não se destina de modo algum a substituí-la. No entanto, pode ajudar a superar a noção abstrata de classe, por ter desempenhado um papel em teorizações mais antigas. Também pode conduzir ao reconhecimento de que o padrão da relação de classe é típico não somente das relações dos grandes grupos da sociedade, mas que a partir dali penetra todas as relações humanas, até mesmo aquelas no interior do proletariado. Na atual fase do capitalismo, tornaram-se transparentes muitas estruturas precedentes da sociedade de classes que até agora foram descritas e explicadas de modo incompleto”. [N.T.]

36 Daqui até o fim deste período, em outra versão, o autor escreveu (à mão) que estes fenômenos parecem se originar: “de que se percebe, em seu pensamento íntimo que, apesar de todas as tremendas realizações da sociedade, o seu padrão material e mental não é a solidariedade como ao exemplo do grupo formado por uma mãe e uma criança na natureza, mas o *racket*, e que a cada dia que passa se alarga mais o fosso entre a realidade e todas as ideologias que a civilização pretende serem seus fundamentos” [N.T.]

uma mera fortaleza na luta pela pilhagem ao adotar a produção como uma espécie de credo religioso, ao promover ideias tecnocráticas e rotular como “improdutivos” outros grupos que sequer têm acesso aos grandes bastiões industriais. Este é um mecanismo similar àquele produzido pelos *rackets* terroristas na Europa dos séculos XVI e XVII, que assassinaram centenas de milhares de desafortunados e dizimaram a população feminina de países inteiros devido ao seu suposto coito com Satanás. Estes *rackets* torturadores, assassinos e predatórios exaltaram de modo ainda mais fervoroso o Deus crucificado, torturado, assassinado e roubado e adoraram ainda mais devotamente a Virgem pela concepção através do Espírito Santo. Hoje os “*rackets*” propagam a produtividade e o espírito comum, perseguem como *racket* toda pessoa ou grupo que se recuse a se unir a eles e denunciam como destrutiva toda empreitada que tenta pôr fim à destruição. Aqueles que conseguem promover a repressão através de um oceano de palavras faladas e escritas vigiam zelosamente para que nenhuma sentença “desconexa” seja ouvida.

Uma verdadeira sociologia do *racket* como o elemento vivo da classe dominante na história poderia servir tanto a um propósito político como científico. Poderia ajudar a elucidar a meta da prática política: uma sociedade cujo padrão é diferente daquele dos *rackets*, uma sociedade sem *rackets*. Poderia servir para definir a ideia de Democracia que ainda tem uma existência subterrânea nas mentes dos indivíduos. Hoje, os *rackets* adaptaram esta ideia às suas práticas econômicas e políticas. Elas sorrateiramente formalizaram conceitos políticos e assim transformaram em paladinas da Democracia cliques políticas especializadas que dominam grupos e Estados inteiros. Por outro lado, estigmatizam teóricos humanistas como defensores da ditadura, por haverem tentado promover e praticar, não importa quão inadequadamente, conteúdos democráticos. Apesar de tudo isso, o sentido da Democracia, profundamente ligado ao da verdade, não é esquecido. Ele precisa ser expresso contra um mundo que é mais repressivo e hostil do que nunca e contra as táticas mais astuciosas da estupidez. Cientificamente, a sociologia do *racket* poderia produzir uma filosofia da história mais adequada. Além disso, poderia esclarecer melhor diversas questões do campo das humanidades e até mesmo problemas tão remotos e controversos como os ritos de iniciação e os *rackets* patriarcais dos feiticeiros em tribos primitivas. É como se o “rompimento [*breaking*]”³⁷ de jovens de sexo masculino na ocasião de sua entrada em tais tribos representasse a aceitação não tanto na comunidade como tal, mas em uma totalidade social particularista. Observações muito semelhantes podem

37 Em “Die Rackets und der Geist” (1939-1942), Horkheimer desenvolve melhor esta análise sobre a iniciação nos *rackets* e fala em um rompimento da própria personalidade do indivíduo como garantia de confiabilidade futura, sobre a necessidade de renúncia a todo o seu poder e ao seu passado. Em suma, afirma que o *racket* demanda um pacto social sem reservas [*rückhaltlosen Gesellschaftsvertrag*] e o compara a um Leviatã. Cf. Horkheimer, M. (1985-). “Die Rackets und der Geist”. In: Noerr, G. S. und Schmidt, A. (Hrsg.). *Gesammelte Schriften*, Band 12. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, pp.287-291. [N.T.]

ser feitas sobre a relação de adultos e crianças durante a Idade de Média e até o começo do século XIX. Os adultos se comportavam como uma totalidade em relação às crianças. O *racket* foi também o padrão da organização de homens em relação às mulheres. O conceito moderno serve para descrever as relações sociais passadas. “A anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco” [*The anatomy of man is the key to the anatomy of the monkey*].³⁸

38 Citação de Marx retirada dos “Esboços da crítica da economia política”, escritos em 1857 e recém publicados (1941) quando este texto foi redigido. A citação contém um pequeno erro: o autor trocou “uma chave” por “a chave”. A seguir, é reproduzida a passagem do texto marxiano em que consta essa referência: “A sociedade burguesa é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção. Por essa razão, as categorias que expressam suas relações e a compreensão de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [que] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco [*Die Anatomie des Menschen ist ein Schlüssel zur Anatomie des Affen*]. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida. Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia antiga etc. Mas de modo algum à moda dos economistas, que apagam todas as diferenças históricas e veem a sociedade burguesa em todas as formas de sociedade. Pode-se compreender o tributo, a dízima etc. quando se conhece a renda da terra. Porém, não se deve identificá-los. Como, ademais, a própria sociedade burguesa é só uma forma antagônica do desenvolvimento, nela são encontradas com frequência relações de formas precedentes inteiramente atrofiadas ou mesmo dissimuladas. Por exemplo, a propriedade comunal. Por conseguinte, se é verdade que as categorias da economia burguesa têm uma verdade para todas as outras formas de sociedade, isso deve ser tomado *cum grano salis*. Elas podem conter tais categorias de modo desenvolvido, atrofiado, caricato etc., mas sempre com diferença essencial. O assim chamado desenvolvimento histórico se baseia sobretudo no fato de que a última forma considera as formas precedentes como etapas até si mesma, e as concebe sempre unilateralmente, uma vez que raramente critica a si mesma, do que é capaz apenas em condições muito determinadas - e aqui naturalmente não se trata daqueles períodos históricos que parecem a si mesmos como épocas de decadência” (Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario Duayer, Nélio Schneider, com colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, p.84).